

***Laudato Si'*: a relação da igreja com o “cuidado da casa comum”, à luz de uma teologia da criação**

Ailton Martins Evangelista¹

Resumo: No presente momento da história, a Igreja Católica, por meio de seu magistério com base na Doutrina Social da Igreja, tem tratado sobre o tema da ecologia, buscando trazer luzes para a compreensão de tal tema, que é encarado como algo de fronteira entre a teologia e áreas ligadas à ecologia. As questões ecológicas são apresentadas como urgentes, devido à gravidade e aos efeitos nocivos que podem ser notados, na atualidade, em toda a parte do globo. O presente artigo científico se propõe a colocar em diálogo duas grandes áreas de estudo, a teologia e a ecologia, mostrando o surgimento de uma ecoteologia já presente na caminhada eclesial. A Carta encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco é colocada como foco de inspiração e consulta para a elaboração deste trabalho e será uma bússola para toda a argumentação. A construção do presente artigo se dá em três capítulos e conta com a metodologia do “ver, julgar e agir”.

¹ Ailton Martins Evangelista é seminarista da Diocese de Lorena-SP, graduado em Filosofia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo UNISAL Lorena, pós graduado em Acompanhamento e Aconselhamento de jovens pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Pio XI São Paulo e graduando em Teologia na Faculdade Dehoniana.

O leitor poderá aprofundar nos objetivos propostos, numa compreensão acerca de cuidado com a criação e assumir, em seu cotidiano, uma responsabilidade ecológica, em vista do bem comum. A motivação para a elaboração do trabalho que se seguirá é um intuito de favorecer ao leitor uma sensibilidade e conscientização para os temas ligados à preservação e cuidado com toda a criação, tendo como base os valores cristãos, que evidenciam a relação consistente entre ter uma fé no transcendente e um zelo pela criação dada por Deus, sendo traduzida em uma vida marcada por uma sobriedade feliz e pela vivência de uma ecologia integral.

Palavras-chave: *Laudato Si'*, Casa comum, Teologia da Criação, Conversão ecológica.

Abstract: At this moment in history, the Catholic Church, through its magisterium based on the Social Doctrine of the Church, has dealt with the theme of ecology, seeking to shed light on the understanding of such a theme, which is seen as something on the border between theology and areas linked to ecology. Ecological issues are presented as urgent due to the seriousness and harmful effects that can be noticed today in every part of the globe. The present work proposes to put two major areas of study in dialogue, theology and ecology, showing the emergence of an Ecotheology already present in the ecclesial journey. The encyclical Letter *Laudato Si'* of Pope Francis is placed as a focus of inspiration and consultation for the elaboration of this work and will be a com-

pass for all the argumentation. The construction of the monograph takes place in three chapters and relies on the methodology of “seeing, judging and acting”. The reader will be able to deepen in the proposed objectives, in an understanding about care with the creation and to assume in its daily one an ecological responsibility in view of the common good. The motivation for the elaboration of the work that will follow is an intention to favor to the reader a sensibility and awareness for the subjects linked to the preservation and care with all the creation having as base the Christian values that evidence the consistent relation between having a faith in the transcendent and a zeal for the God-given creation being translated into a life marked by happy sobriety and living an integral ecology.

Keywords: *Laudato Si'*, Common Home, Creacion Teology, Ecological Conversion.

Introdução

O presente trabalho se propõe a estreitar a relação entre dois temas: Teologia e Ecologia. Para tal aproximação, quis contar com o auxílio da encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, publicada no ano de 2015, no dia 24 de maio; e, também, com o suporte do material já fornecido pela Doutrina Social da Igreja Católica, ademais dos documentos do magistério e uma contribuição massiva da teologia bíblica da criação.

Uma das problemáticas que se levantam na atualidade são as questões ligadas ao meio ambiente. A ecologia, de modo geral, está em evidência, dada a urgência de sua temática dentro e fora dos espaços eclesiais; a novidade é a estreita relação que está sendo construída entre uma caminhada teológica e a contribuição dos estudos ecológicos. O resultado disso é a exclusividade de uma encíclica que conjuga ecologia e teologia, favorecendo um avanço no campo da “ecoteologia”.

No entanto, tal preocupação, assumida pela Igreja, vem encontrando resistências, inclusive dentro do âmbito eclesial, onde, também, se afirma não ser missão do magistério tratar sobre um tema, classificado de periférico, como a ecologia. A proposta deste trabalho é evidenciar a relação presente entre a Igreja Católica e o cuidado com a Casa comum, a partir das contribuições da encíclica *Laudato Si'*. O trabalho será estruturado a partir da inspiração de um método tradicional e testado na Igreja: a metodologia ver, julgar e agir, na qual o leitor poderá acompanhar a evolução

argumentativa em torno da tese de que o magistério católico pode e deve contribuir com tal discussão.

O primeiro capítulo parte da necessidade de “Ver” a realidade atual e considerar os aspectos ecológicos como situações agravantes. O leitor notará temas que dizem respeito ao meio ambiente de modo geral, bem como, os pontos críticos que colocam a humanidade em estado de alerta; após isso, entenderá que os problemas ecológicos exercem um impacto sobre os seres humanos e, por fim, compreenderá que tais questões dizem respeito à fé e devem ser tratadas como questões teológicas e podem ser iluminadas pela crença cristã.

O segundo capítulo lança mão do ato de “julgar”, por meio das Sagradas Escrituras, reconhece o valor desta criação e de como a linguagem bíblica pode incentivar para uma tomada de consciência sobre cuidado e mudança de hábitos neste processo. Para isso, o capítulo se desenvolve com base em uma teologia bíblica da criação, apresentando alguns relatos do Antigo Testamento, sobretudo o mandato genésico de guardar e cultivar a criação.

Posteriormente, será trabalhada a encarnação como valorização do dom divino desta criação e será apresentado Cristo como modelo da nova criação e seu evento pascal como a experiência que fundamenta sua renovação.

O terceiro capítulo se propõe a trazer a perspectiva do “agir”, contando com a contribuição efetiva da encíclica *Laudato Si'* para a vivência de tal compromisso e o seu urgente chamado para cuidar de

toda a criação. Dentro desta perspectiva, surge o compromisso de uma responsabilidade ecológica de cada homem de boa vontade que povoa esta terra, sugere que a construção de uma nova criação, de uma criação transformada que conta muito com o apoio e agir no mundo a partir de ecologia integral.

Ainda sobre o capítulo anterior, o leitor poderá perceber, após este caminho reflexivo, a relação “forte” entre a Igreja Católica Apostólica Romana e o cuidado com a Casa comum pedido pelo pontífice.

O presente trabalho será concluído com um senso de compromisso social, busca por uma conscientização das questões ecológicas e de uma responsabilidade ecológica em vista do bem comum, que habita uma Casa comum, chamada Planeta Terra.

1. Rumo a uma ecoteologia

O capítulo que abre esta monografia, que reflete a questão ecológica com base na encíclica Papal *Laudato Si'*, buscará ver a problemática ecológica nos tempos atuais, carregada de sua emergência, e, ainda, relacionará os impactos no meio ambiente com o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus. Uma vez estabelecidos tais pontos, o leitor conseguirá compreender a relação entre os problemas ecológicos atuais e a questão teológica.

1.1 A problemática ecológica atual

Nas últimas décadas, a sociedade tem observado o surgimento de uma preocupação e de um discurso em torno da temática da ecologia; tal tema vem aparecendo em várias esferas e, mediante a urgência, a pauta ecológica tem ganhado o seu merecido e necessário destaque.

Em síntese, a problemática ecológica tem sido percebida, debatida e estudada. Vale recordar que “as vozes isoladas que denunciaram os abusos perpetrados contra a natureza não foram escutadas no passado. Hoje estas vozes formam já um imenso clamor, alcançando o espaço da praça pública com suas manifestações populares”.² Mediante isso, a Igreja Católica tratou, também, de contribuir, buscando dissertar sobre o tema a partir de sua cosmovisão cristã e de estudos e literaturas propostos pelo próprio magistério; o catolicismo também abraçou este compromisso, que, para muitos, é visto como um desdobramento do apostolado católico.

A busca por uma vida mais sustentável está sendo assumida pela Igreja e termos, como “Cuidado com a Casa Comum”, “Ecologia Integral”, “Criação” e “Criador” serão conceitos daqui para frente. O documento balizador para este estudo é a encíclica *Laudato Si’* (LS), uma Carta publicada no ano de 2015, no dia 24 de maio, já no terceiro ano do pontificado do Papa Francisco. A publicação da *Laudato Si’* logo

² Afonso Maria GARCÍA, *Unidade na Pluralidade*, 2001, p. 534.

ganhou repercussão nos ambientes externos ao catolicismo. Comentada e analisada por muitos estudiosos da área, *Laudato Si'* tornou-se um marco no compromisso social, assumido pelos cristãos, de cuidado com a Casa comum.

O texto de Francisco tratou de abordar diversos temas e que não diziam respeito somente à fauna e à flora, mas que dissertavam a respeito da Vida planetária de modo geral:

Embora cada capítulo tenha a sua temática própria e uma metodologia específica, o sucessivo retoma, por sua vez, a partir duma nova perspectiva, questões importantes abordadas nos capítulos anteriores. Isto diz respeito especialmente a alguns eixos que atravessam a encíclica inteira. Por exemplo: a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida. Estes temas nunca se dão por encerrados nem se abandonam, mas são constantemente retomados e enriquecidos.³

A confecção de uma encíclica que buscou tratar de forma ampla sobre uma gama de temas

³ FRANCISCO, *Laudato Si'*, n. 16. Em diante, a encíclica *Laudato Si* será abreviada (LS) e seguida do número correspondente.

atuais, em torno da ecologia e sustentabilidade, levou em conta a inspiração de um método já consagrado na Igreja Católica para seus trabalhos de conhecimento e ação pastoral, que é o Método “VER-JULGAR-AGIR”.

A voz de comando da Igreja Católica incentiva um olhar mais sensível para a ecologia integral, o Pontífice endossa a tese de que o mundo passa por uma crise, em diversos setores da sociedade, e que estas crises estão situadas no interior do homem. Dessa maneira, Francisco afirma: “não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental”.⁴

No entanto, a denúncia de que o planeta “não vai bem” não vem somente de um autor, mas muitos autores têm emprestado suas vozes para deixar uma mensagem alarmante sobre o futuro da geração humana. A própria *Laudato Si'* se encarregou de trabalhar, no capítulo primeiro, temas recorrentes que abarcam a urgência climática; o capítulo recebeu como título: “O que está acontecendo com nossa casa?”. Francisco inicia a encíclica convocando a todos para um movimento de “Ver”, “Por isso, antes de reconhecer como a fé traz novas motivações e exigências face ao mundo de que fazemos parte, proponho que nos detenhamos brevemente a considerar o que está a acontecer com a nossa casa comum”.⁵

4 LS 139.

5 LS 17.

1.2 O impacto da questão ecológica sobre o ser humano

Deve-se reconhecer que, há anos, o magistério católico vem trabalhando incansavelmente para o bem estar do ser humano; como afirmava Santo Irineu, em uma de suas obras, “a glória de Deus é o homem vivo”. Tal ensinamento se desdobra na missão assumida pela Igreja de depositar seus esforços para o bem de toda a vida humana, como o próprio São João Paulo II afirmou, em sua carta encíclica: *Redemptor Hominis*: “todos os caminhos da Igreja levam ao homem”.

O trabalho ecológico não visa somente o bem estar do homem; com cautela e estudo, o magistério católico nunca acenou para um antropocentrismo exagerado, mas deve reconhecer que a figura do homem ocupa um lugar central neste caminho de discussão. “E trata-se aqui, precisamente, de todos e cada um dos homens sobre este planeta, nesta terra que o Criador deu ao primeiro homem, dizendo ao mesmo tempo ao homem e à mulher: ‘Submetei (a terra) e dominai-a’”.⁶ Longe de um domínio irresponsável, o homem e a mulher são guardiões por excelência do cuidado com a criação.

O Papa João Paulo II usou de seu pontificado para realçar a importância do ser humano, por meio de uma filosofia personalista. Soube muito bem entender o ser humano como seu objeto de estudo, na categoria de pessoa, e conseguiu evidenciar qual era o homem que estava sendo o objeto de estudo e trabalho do magistério católico.

⁶ JOÃO PAULO II, *Redemptor hominis*, n. 14.

É necessário, então, olhar a fundo o próprio ser humano e perceber aquilo que o desintegra e o fragmenta, levando-o a ter uma relação de domínio e desarmonizada com a criação em torno de si, “pois bem, a doença antropológica que leva o homem a esse tipo de relacionamento errado com a natureza é a mesma que o leva a oprimir e coisificar, em proveito próprio, outros homens, classes e povos”.⁷ Logo, infere-se que há uma relação danificada, abalada entre o próprio homem consigo, com os demais à sua volta e com o mundo que carece de atenção e inspira uma análise para uma doença antropológica em que os maus tratos, a indiferença e a depredação são os sintomas de uma mal estar antropológico.

O homem adoecido da atualidade e cada vez mais instrumentalizado sofre com “a falta do discernimento sábio do que é verdadeiro, belo e justo e pode levar a ilusões e equívocos: ‘Existe ainda o perigo de o homem, confiando demasiadamente nas descobertas atuais, julgar que se basta a si mesmo, descuidando os valores mais altos’”.⁸ Tudo isso tem cooperado para um não sentimento de pertença no mundo, um não reconhecimento do outro como irmão e, muito menos, a compreensão que a natureza habitada é um espaço comum e que requer uma ética de responsabilidade para com as gerações presentes e futuras.

Cada vez mais, fica em evidência a relação do homem com a natureza que o cerca, a maneira como tal se relaciona pode favorecer ou prejudicar

⁷ *Ibidem*, p. 540.

⁸ CONCÍLIO VATICANO II, *Gaudium et Spes*, n. 57.

esta vivência. Na atualidade, o homem não tem entendido seu papel e, por isso, tem se afastado daquele projeto originário de doação, entrega e cooperativismo com a natureza ofertada por Deus.

1.3 O problema ecológico como questão teológica

É necessário entender que há uma certa conectividade e complexidade das relações, “[...] o indivíduo humano constitui, ele próprio, um sistema extremamente complexo. Mas trata-se de um sistema conectado estreitamente com outro sistema maior que é a sociedade da qual forma parte o indivíduo”.⁹ Esta sociedade, por sua vez, está inserida em um ecossistema e a não compreensão desta relação tem gerado um grave problema ecológico, que tem suas raízes no íntimo de uma figura antropológica.

É preciso aprofundar um pouco mais a questão, a fim de chegar a um diagnóstico mais adequado. Os problemas ecológicos estão interligados, eles oferecem uma sintomatologia que aponta para um mal profundo, situado no próprio homem. Propriamente falando, não é a natureza que está doente, mas o ser humano. Ou melhor, a natureza adoeceu, por causa do homem, como resultado da grave doença que afeta o homem. Este mal é que deve ser detectado, analisado e enfrentado com todo o rigor.¹⁰

⁹ Afonso Maria GARCÍA, *op. cit.*, p. 541.

¹⁰ *Ibidem*, p. 540.

Reconhecer a fragilidade humana não é entender o homem como um ser “mal” em si, mas como um ser dentro de uma teia muito mais complexa e definida e que carece de resoluções. A natureza apresenta regularmente sintomas de que algo não vai bem. Há um certo desordenamento no clima, as temperaturas aumentam anualmente, há enchentes que assolam famílias nas áreas urbanas, devido ao não descarte de resíduos sólidos, e muitas áreas, com o aumento das chuvas, acabam por desmoronar e prejudicar inúmeras famílias, que entram em estado de calamidade.

É fato, o adoecimento do homem gera um adoecimento do próprio cosmo à sua volta, “é preciso que se diga em alto e bom som: a destruição do meio ambiente significa a destruição do homem”.¹¹ A teologia, na atualidade, busca se colocar como uma contribuinte na construção deste diálogo tão necessário e acaba por proporcionar um reordenamento do próprio homem, situando-o mais como um cooperador da criação do que como um dominador. “O homem com sua história ficou realmente no centro das preocupações teológicas, mas praticamente isolado no contexto vital de que forma parte junto com os outros seres vivos”.¹² Talvez esta seja umas das regras de ouro no caminho de uma conversão ecológica, entender-se como parte de um todo e não como alguém de fora.

É válido afirmar que, para além dos processos normais de responsabilidades que a teologia cristã pode assumir em relação a tal tema, o magistério católico, por meio da própria Doutrina Social da Igreja,

11 *Ibidem*, p. 541.

12 *Ibidem*, p. 544.

tem feito seus acenos para uma teologia muito mais encarnada e dialogada com temas atuais, como é o caso da própria temática ecológica.

Emerge, no mais íntimo do ser humano, um compromisso social, em vista de um bem comum. “Por bem comum é preciso entender o conjunto daquelas condições da vida social que permitem aos grupos e a cada um de seus membros atingirem mais completa e diligentemente a própria perfeição”.¹³ É evidente que o bem comum não seja alheio às pautas ecológicas e que reconheça que “há uma relação intrínseca entre ecologia, fé cristã e compromisso social dos cristãos”.¹⁴ O magistério católico tem conseguido estabelecer a relação necessária entre a fé e os trabalhos com a ecologia; cada vez mais é possível constatar um avanço cultural, neste aspecto, dentro da própria Igreja:

Ecologia tem a ver com evangelização, com missão da Igreja, com o serviço dos cristãos ao mundo; em resumo, ecologia tem a ver com salvação. Salvação não só do planeta, mas da própria humanidade. E não só salvação do ponto de vista das condições materiais da vida, mas da vida humana como um todo, também espiritual, pois o cuidado da “casa comum”, mandato recebido do Criador, integra a vocação humana como um todo.¹⁵

13 CAT n. 1906.

14 Agenor BRIGHENTI, *A Laudato Si' no pensamento social da Igreja: da ecologia ambiental à ecologia integral*, 2018, p. 18.

15 *Ibidem*.

O grande avanço passa por um alargamento no campo da reflexão teológica e pastoral, que contempla a ação moral do homem no mundo, relacionando com a ecologia integral. Por meio de um estudo mais aprofundado, reconhece-se a relação estreitíssima entre o despertar ecológico e a conjunção com áreas da teologia, como a própria moral, pastoral e, ainda, com áreas mais específicas e sistemáticas, como soteriologia, escatologia, cristologia tudo isso orbitando em torno de uma ecoteologia; afinal de contas, “não dá pra falar de compromisso social dos cristãos sem incluir a ecologia, pois é impossível falar de fé cristã sem o engajamento dos fiéis na sociedade, no cuidado, defesa e promoção da vida, de toda espécie de vida, em especial dos seres humanos, criados à ‘imagem e semelhança’ do Criador”.¹⁶ Constata-se o magistério atual.

2. As Sagradas Escrituras como fundamento para uma teologia bíblica da criação

O capítulo que se seguirá contará com o julgar próprio das Sagradas Escrituras e terá um apoio argumentativo de uma teologia bíblica da criação; revisitará os textos veterotestamentários e compreenderá a criação juntamente com o ser humano em um lugar de destaque e primazia no projeto divino. Ademais, adentrará nos textos neotestamentários e encontrará na figura de Jesus Cristo o centro de toda a criação, à qual tudo converge para Ele; e, por fim,

¹⁶ *Ibidem*, p. 18.

encontrará esperanças nos dias futuros com os acenos escatológicos em que toda a criação será renovada em Cristo por meio de sua participação definitiva no apogeu dos tempos.

2.1 Antigo Testamento – A criação originária – Passado

As Sagradas Escrituras iniciam suas páginas com o relato bíblico da criação. “Deus, criando e conservando todas as coisas pelo Verbo (cf. Jo 1,3), oferece aos homens um testemunho perene de si mesmo na criação (cf. Rm 1,19-20)”.¹⁷ É no mínimo curiosa a importância dada a esta temática, uma vez que a teologia da criação abre as páginas do livro sagrado mais lido do mundo. Numa construção dialética teológica que favoreça uma conversão para uma ecologia integral, será com toda certeza importante visitar os textos iniciais de Gênesis que narram a criação e a sua importância para o Deus-Criador e para o ser humano.

A própria *Laudato Si'* quis dedicar o segundo capítulo da encíclica para a temática bíblica; “O Evangelho da criação” buscou mostrar o embasamento bíblico em que coloca a criação como algo querido e desejado por Deus. “Na tradição judaico-cristã, dizer ‘criação’ é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado”.¹⁸ E é nessa criação que está situado o homem.

¹⁷ DV 2.

¹⁸ LS 76.

A proposta contida no início do livro do Gênesis tem uma finalidade clara: “cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e a semelhança de Deus (cf. Gn 1,26)”.¹⁹ O relato genesíaco é rico de simbolismos e sujeitá-lo a uma análise meramente fundamentalista seria um empobrecimento de tal texto. “As narrações da criação no livro do Gênesis contêm, na sua linguagem simbólica e narrativa, ensinamentos profundos sobre a existência humana e a sua realidade histórica”.²⁰

No entanto, a relação da criação com a Palavra de Deus não se restringe somente ao início da Bíblia, mas, em todo o decorrer das Sagradas Escrituras, haverá menções diretas e indiretas à natureza; Deus usará de exemplos para formar o seu povo, por meio de uma linguagem ecológica, sempre mostrando ao homem que ele faz parte da natureza, da criação. Mostrará o seu desejo de que a terra seja criada para ser habitável e não um deserto (cf. Is 45,18). O Pentateuco mostrará uma natureza que se condiciona ao Criador; os livros proféticos narrarão cenas relacionados à natureza, muitas vezes como metáfora da caminhada e conversão necessária do povo; os salmos cantarão as belezas da criação. Já no Novo Testamento, teremos exemplos dados pelo próprio Jesus para ensinar sobre o Reino de Deus para seus discípulos e, por fim, as Sagradas Escrituras serão finalizadas com o livro do Apocalipse, contando sobre a chegada escatológica de Céus novos e uma Terra nova (cf. Ap. 21,1).

19 LS 65.

20 LS 66.

Há uma relação trinitária presente em toda a criação; esta ideia, a própria *Laudato Si'* afirma, em seus parágrafos dos números 238-240, e se expressa de forma triádica entre a Trindade, o ser humano e a criação. “A narração sacerdotal da criação apresenta Deus criando o ser humano à sua imagem e semelhança. Nessa condição cabe ao ser humano “dominar”, isto é, ser livre diante da criação e ter poder sobre o mundo”.²¹ O termo proposto aponta para dominação. Talvez, em muitos casos, poderia ser entendido como uma opressão autoritária sobre as demais coisas criadas; a má compreensão de tal termo fez que o homem criasse uma distância e uma relação predatória com o mundo que o cerca. “O homem, criado à imagem de Deus, é administrador responsável do mundo, chamado a “dominá-lo” a serviço da humanização de todos os homens. É verdade que a teologia cristã acrescenta sempre que se trata de um domínio responsável”.²²

Por isso, a necessidade de retomar o mandato de “guardar e cultivar” a terra, segundo a ordem do próprio Deus, por cultivo deve-se compreender a capacidade de lavrar, trabalhar a terra em que se estabelece uma relação de reciprocidade responsável do ser humano para com a natureza. Em síntese, o relato genésíaco serve para orientar as atividades do homem, em relação à terra, de forma respeitosa e cooperativa.

21 Francisco TABORDA, *A Igreja e seus ministros: uma teologia do ministério ordenado*, 2011, p. 47.

22 Afonso Maria GARCÍA, *op. cit.*, p. 542-543.

2.2 Novo Testamento – A ressurreição de Jesus Cristo como nova criação - Presente

É necessário reconhecer sempre uma estreita relação entre os escritos veterotestamentários e os escritos neotestamentários; a temática da criação está presente em ambos, bem como sua ligação com a temática soteriológica da salvação em Cristo.

A criação é o fundamento de “todos os desígnios salvíficos de Deus”, “o começo da história da salvação”, que culmina em Cristo. Inversamente, o mistério de Cristo é a luz decisiva sobre o mistério da criação; ele revela o fim em vista do qual, “no princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1): desde o início, Deus tinha em vista a glória da nova criação em Cristo.²³

Partindo da perspectiva, de que todo ato divino é salvífico, a criação, já no princípio, só foi estabelecida por uma iniciativa divina que desejava iniciar, na primeira criação, aquilo que seria completado em Cristo, na plenitude dos tempos. O modelo do novo Adão é personagem fundamental no quesito de renovação da primeira criação. “Que a criação é *para* a salvação está claramente formulada em vários textos criacionistas paulinos, nos quais se estipula que a totalidade do real (*tá pánta*) foi feita *por e para Cristo*: ele está no fim da história como salvador, porque ele está em seu começo como criador; a causa eficiente e a causa final coincidem (1Cor 8,5-6; Cl 1,15-20; Ef

23 CAT n. 280.

1,3-14), de modo que o mundo exhibe uma clara marca cristocêntrica”.²⁴

É possível realizar esta comparação tanto no relato primário da criação, presente em Gênesis, quanto em um segundo relato destinado, a criação presente no evangelho de São João. “O prólogo do Evangelho de João é uma releitura de Gn 1 à luz do evento Cristo; a Palavra divina pela qual Deus criou e se revelou ‘no princípio’ encarnou-se em Jesus Cristo, por meio de quem a criação e a revelação de Deus alcançam a sua plenitude”.²⁵ Desta maneira, é possível estabelecer um paralelo entre a criação de Gênesis e a criação narrada por João, ainda na eternidade, ao versar sobre o *Lógos*.

A Tradição buscou, ao longo dos tempos, relacionar e conferir tal conexão em ambas narrativas bíblicas: “A sequência *criação-salvação* é agora enriquecida, pela intercalação entre ambos os polos da *encarnação* do criador-salvador.

Há, em uma das cartas de São Paulo, direcionada à comunidade de Colossas, um hino cristológico interessante, em que se coloca a vida de Cristo como fundamento de todas as coisas. O hino é encontrado no primeiro capítulo da carta e é do versículo quinze ao vinte:

Ele é a imagem do Deus invisível,
O primogênito de toda a criatura,
Porque nele foram criadas todas as coisas,
Nos céus e na terra.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ *Ibidem*, p. 12-13.

As visíveis e as invisíveis:
Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades,
Tudo foi criado por ele e para ele.
É antes de tudo e tudo nele subsiste.
É a cabeça da igreja,
Que é o seu corpo.
É o princípio, o primogênito dos mortos,
Tendo em tudo a primazia,
Pois nele aprovou a Deus
Fazer habitar toda a plenitude
E reconciliar por ele e para ele todos os seres,
Os da terra e os dos céus,
Realizando a paz pelo seu sangue da sua cruz.
(Cl 1, 15-20)

Novamente, há uma marca cristocêntrica que perpassa a criação, nos seus inícios e no prólogo do evangelho de São João; também há esta referência de Cristo já nos inícios da criação e antes de todos os tempos, sua presença redentora. Na perspectiva cristã, toda a criação orbita em torno de Cristo, que é o grande sol da humanidade; sua vinda é colocada como fundamento de todas as criaturas (Cf. Cl 1, 15 b) e, para Ele, acorrem todas as coisas visíveis e invisíveis.

No entanto, a realidade pascal que Jesus vivenciou acaba por mergulhar toda a criação em torno do fenômeno de sua ressurreição. Pelo ato de Cristo ressuscitar dentre os mortos e tornar-se um ser vivente, a natureza é contemplada e revisitada por este impulso divino de vida e restauração; na ressurreição de Cristo, está o germe da nova criação, do novo Adão e da nova humanidade, afinal “todo aquele que está em Cristo, é uma nova criatura. Passou o que era velho; eis que tudo se faz novo!” (2 Cor 5,17).

A ressurreição de Jesus foi um episódio de reconciliação entre a criação e o Criador, a oportunidade de tornar-se novo e de renovar a sua volta se deu por meio de seu ingresso na história, de seus ensinamentos, de sua relação cósmica positiva e integrada. Desta maneira; “[...] a própria natureza participa do drama do Filho de Deus rejeitado e da vitória da ressurreição (cf. Mt 27 45.51; 28,2). Atravessando a morte e nela inserindo a novidade resplandecente da Ressurreição, Jesus inaugura um mundo novo, no qual tudo é submetido a Ele (cf. 1Cor 15, 20-28), e restabelece aquela relação de ordem e harmonia que o pecado havia destruído”.²⁶ A Ressurreição de Jesus se torna exemplo e protótipo para toda a criação; aquilo que Ele passou, o restante das criaturas também há de passar, no sentido de renovação e transformação.

2.3 A criação redimida em Cristo – escatologia – Futuro

Esta sessão inicia-se recordando a própria esteira do processo da criação. Deus quis tê-la em seu projeto originário salvífico, também desejou que o Verbo se tornasse carne e habitasse este mundo e, por fim, também desejará renovar todas as coisas no fim dos tempos, contemplando suas criaturas. “A salvação é entendida como uma *nova criação*, que restabelece aquela harmonia e aquela potencialidade de crescimento que o pecado comprometeu: ‘vou criar

²⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, Compêndio da Doutrina Social da Igreja, 2005, p. 256.

novos céus e uma nova terra’ (Is 65,17) – diz o Senhor – “então, o deserto se mudará em vergel... e a justiça residirá no vergel... o meu povo habitará em mansão serena” (Is 32,15-18)”.²⁷

A carta de São Paulo aos Efésios comenta: “[...] dando-nos a conhecer o mistério de sua vontade, conforme decisão prévia que lhe aprouve tomar para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo encabeçar todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra.” (cf. Ef 1, 9-10). No projeto salvífico divino, a criação nunca é deixada de lado, sempre há uma relação de renovação ou transformação, mas nunca uma narrativa de indiferença para as obras criadas.

Ao tratar sobre os temas escatológicos, o Catecismo da Igreja Católica afirma: “a esta misteriosa renovação, que há de transformar a humanidade e o mundo, a Sagrada Escritura chama “Os Novos Céus e a Nova Terra” (cf. 2 Pd 3,13). Será a realização definitiva do desígnio divino de “reunir sob a chefia de Cristo todas as coisas que há nos céus e na terra” (Ef 1,10)”.²⁸

Tal renovação permanece como algo misterioso; porém, o que não se deve negar é que a bondade divina contemplará todas as coisas criadas que poderão participar em plenitude. “Esta não mais será atingida pelo pecado, pelas manchas, pelo amor próprio, que destroem e ferem a comunidade terrena dos homens”,²⁹ uma vez que, com o advento do pecado, toda a criação ficou sujeita a tais males.

²⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, *op. cit.*, p. 256.

²⁸ CAT n. 1043.

²⁹ CAT n.1045.

O texto presente na carta de São Paulo aos Romanos evidencia esta temática:

“Pois a criação em expectativa
anseia pela Revelação dos filhos de Deus.
De fato, a criação foi submetida à vaidade
não por querer, mas por vontade daquele que a
submeteu
na esperança de ela também ser libertada da es-
cavidão
da corrupção para entrar na
liberdade da glória dos
filhos de Deus.” (Cf. Rm 8, 19-21).

Em um primeiro momento, deve-se reconhecer que toda a criação fora submetida aos males do pecado original; o próprio livro do Gênesis consegue ilustrar tamanho dano. Em seguida, é notório perceber a expectativa mediante a atividade humana que deve ser colocada em prática no mundo habitado, a fim de favorecer uma transformação social e espiritual.

A própria *Laudato Si'* comenta sobre o destino das coisas criadas, em seus parágrafos de números 243 - 245.

No fim, encontrar-nos-emos face a face com a beleza infinita de Deus (cf. *1 Cor* 13, 12) e poderemos ler, com jubilosa admiração, o mistério do universo, o qual terá parte conosco na plenitude sem fim. Estamos a caminhar para o sábado da eternidade, para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu. Diz-nos Jesus: “Eu renovo todas as coisas”» (*Ap* 21, 5). A vida eterna será uma

maravilha compartilhada, onde cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados.³⁰

Embora a compreensão desse advento escatológico possa parecer nebulosa, “[...] *“ignoramos o tempo da consumação da terra e da humanidade e desconhecemos a maneira de transformar do universo”*,³¹ a fé cristã professa uma salvação de todo o cosmo e busca sempre acrescentar este universo no horizonte da salvação. Os temas escatológicos se relacionam e estão ligados a uma temática ecológica; não se deve pensar somente em uma salvação futura e abandonar o compromisso cristão que perpassa pela atividade terrena.

O convite ao ser humano, a partir de uma reflexão bíblica, embasando-se em uma teologia da criação, é retornar ao mandato genesíaco de guardar e cultivar a criação. Após reconhecer a missão divina, o ser humano une-se ao seu criador, que, de oleiro, se fez jardineiro e “(..) se uniu definitivamente à nossa terra e o seu amor sempre nos leva a encontrar novos caminhos”³² para um cuidado necessário e urgente com a Casa comum.

30 LS 243.

31 CAT n.1048.

32 LS 245.

3. A Encíclica *Laudato Si'* e a conscientização por uma ecologia integral

O presente capítulo buscará apresentar, numa perspectiva do agir, os desdobramentos da encíclica *Laudato Si'*, após oitos anos de sua publicação. Já há um caminho aberto que coopera para uma ecologia integral ser colocada em prática dentro e fora da Igreja. Esta ação se dá a partir de um chamamento da própria encíclica para um cuidado com a criação, incentiva uma responsabilidade ecológica a ser desenvolvida em cada ser humano e, por fim, responde, de forma categórica, a relação entre a Igreja Católica e o cuidado com a Casa comum.

Encíclica *Laudato Si'*: um chamamento de cuidado para a criação de forma integral

De fato, é possível afirmar o grande avanço presente na encíclica *Laudato Si'* na temática ecológica. “[...] É um marco no pensamento social da Igreja. É verdade que ela chega tarde, mas o atraso é compensando por sua qualidade e profetismo”.³³ Reconhecida também como “Documento Verde”, a *Laudato Si'* foi direcionada a todos os homens e mulheres de boa vontade, que veem na criação uma manifestação bondosa do Criador.

33 Agenor BRIGHENTI, *op. cit.*, p. 17.

A encíclica *Laudato Si'* se insere dentro da longa tradição do magistério social da Igreja, que, no âmbito pontifício, começou com a *Rerum Novarum*, promulgada pelo Papa Leão XIII, em 1891. Dentre as onze encíclicas sociais publicadas pelo magistério pontifício, a *Laudato Si'* é a primeira dedicada integralmente à questão da ecologia.³⁴

A chegada da *Laudato Si'* se dá em um momento necessário nas discussões e ações acerca das temáticas ecológicas, sua mensagem é somada com a de tantos outros veículos da sociedade. Sua adesão foi grande e possibilitou à Igreja Católica ser ouvida dentro e fora de seus espaços. Sua compreensão de encíclica social situa-se na esteira da Doutrina Social, inaugurada por Leão XIII, e permitiu ser reverenciada por cidadãos do mundo todo.

Um dos notáveis pontos da *Laudato Si'* seria o seu avanço na compreensão de “Ecologia Integral”. Os últimos papas já tratavam sobre a temática ecológica, no entanto tal avanço linguístico da formulação do termo “Ecologia integral” vem por meio de Francisco:

A ecologia constitui uma chave de leitura do Pensamento Social da Igreja, não propriamente porque um papa pela primeira vez lhe dedique uma encíclica, mas pelo modo como é abordada. João Paulo II e Bento XVI já haviam falado de “ecologia humana” para além dos limites de uma “ecologia ambiental” (CV 137), mas é na *Laudato Si'* que o Papa Francisco irá ematizá-la nos parâmetros de uma “ecologia integral”.³⁵

34 *Ibidem*, p. 17.

35 *Ibidem*, p. 64.

A formulação do termo “Ecologia Integral”³⁶ identifica a missão e o comprometimento da Igreja com esta pauta; no entanto, a visão do magistério é amplamente trabalhada e busca levar em conta muitos pontos, não caindo em um reducionismo. “A antropologia cristã rejeita decididamente tanto o antropocentrismo arrogante quanto o cosmocentrismo anti-humano, porque é negador da especificidade humana. É a teologia da criação que possibilita, mais uma vez, ao ser humano encontrar o seu lugar no mundo criado”.³⁷

Por meio da construção da teologia da criação, a Igreja acerta em trabalhar tal temática e não assume o papel de terceiros, mas encontra-se comunicando aos seus ouvintes uma mensagem de proteção e cuidado com a criação, sem se afastar dos ideais deixados por Cristo. Por uma “Ecologia Integral” compreende-se: “e finalmente o Papa Francisco introduz no magistério social político a noção de ‘ecologia integral’, somando à compreensão anterior também os conceitos de ‘ecologia econômica’, ‘ecologia social’, ‘ecologia cultural’ e ‘ecologia da vida cotidiana’”.³⁸ Por este avanço se reafirma a noção de que a natureza não é algo limítrofe ou que seja algo a parte do ser humano. (LS 139).

O avanço presente na *Laudato Si'* enfatiza que: “o cuidado da casa comum abarca todos os campos, o ambiental, o econômico, o social, o cultural, o espiritual e também a vida cotidiana (LS 147-148)”.³⁹

36 LS 137.

37 Afonso Maria GARCÍA, *op. cit.*, p. 560.

38 Agenor BRIGHENTI, *op. cit.*, p. 36.

39 *Ibidem*, p. 64.

3.2 A nova criação e a responsabilidade ecológica

Por nova criação, não se deveria deter-se à compreensão de um outro mundo, ou outro planeta fora da humanidade presente; a própria literatura bíblica deixa clara a escolha, da parte de Deus, de salvar-guardar este mundo, após a narrativa mítica do dilúvio. “[...] Eis que estabeleço minha aliança convosco: tudo o que existe não será mais destruído pelas águas do dilúvio; não haverá mais dilúvio para destruir a terra” (cf. Gn 9, 11). Uma vez estabelecida tal promessa, o discípulo de Cristo também deve se empenhar em assumir uma responsabilidade ecológica para contribuir com tal renovação.

Por isso, “não dá para falar de compromisso social dos cristãos sem incluir a ecologia, pois é impossível falar de fé cristã sem o engajamento dos fiéis na sociedade, no cuidado, na defesa e promoção de vida, de toda espécie de vida, em especial dos seres humanos, criados à “imagem e semelhança” do criador”.⁴⁰

A *Laudato Si'* busca promover em cada ser humano um despertar para o próprio bem comum. Pensar nos outros, nas gerações futuras e na própria criação, torna-se uma ação de extrema caridade.

O processo de conscientização e tomada de compromisso por uma responsabilidade passa pela compreensão de ser uma família universal que habita a mesma Casa comum; ao tomar consciência dessa realidade, cada ser humano de boa vontade assume,

⁴⁰ *Ibidem*, p. 18.

com afincos, o compromisso social.

A nova criação passa por uma nova mentalidade; é necessário abandonar certos costumes que o planeta já não suporta mais e buscar assumir “[...] um novo estilo de vida, assentado sobre o cuidado, a compaixão, a sobriedade compartilhada, a aliança entre humanidade e o ambiente, pois ambos são umbilicalmente ligados e a corresponsabilidade por tudo o que existe e vive e pelo destino comum (LS 203-208)”⁴¹

Dentro deste aspecto, a *Laudato Si'* contribui com o ousado convite de uma conversão ecológica, entendeu seu método de conscientização passando por uma área tão sensível ao ser humano que é a sua abertura ao Transcendente. “Uma espiritualidade com sensibilidade ecológica nos faz ver que o mundo é mais que uma coisa a se resolver, é um mistério grandioso para ser contemplado na alegria e no louvor”⁴² Desta maneira, consegue trazer para o horizonte mais íntimo do ser humano um compromisso prático e externo.

A proposta do pontífice passa por uma integralidade no ser humano em que não distingue seu ato de fé e sua ação social relacional no mundo, ao contar com o aspecto religioso as inspirações de trabalho em vista do bem comum são reforçados e ganham ainda mais ânimo, a partir de uma motivação interior que toca o espírito humano em favor do bem comum.

Ainda dentro deste percurso proposto pelo Papa Francisco, há um conceito que desponta na encíclica e que em si é um aceno para mudanças de vidas e transformações de consciências. O termo proposto é

41 Agenor BRIGHENTI, *op. cit.*, p. 65.

42 LS 12.

“Sobriedade feliz”. Por este conceito, é possível compreender um movimento interior de optar por uma vida mais simples e modesta, não abrindo mão do essencial, mas também não se apegando e nem se prendendo ao “muito”, “A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário”.⁴³

É constatado, segundo a *Laudato Si'*, que: “[...] a tão falada ‘qualidade de vida’ assume outros valores e práticas, na perspectiva cristã. A sobriedade é a capacidade de se alegrar com o pouco, permite saborear as pequenas coisas e ser feliz na simplicidade, sem o ciclo vicioso da satisfação-insatisfação que termina sempre na insatisfação e no vazio”.⁴⁴

No entanto, “a bandeira da ‘Sobriedade feliz’ parece uma proposta tímida para quem cresceu com ‘uma reduzida autoconsciência dos próprios limites’ (105) e dos limites do crescimento da natureza”.⁴⁵ Porém, a proposta feita sugere uma responsabilidade de cada indivíduo em assumir também esta categoria, em outras palavras, trazer para dentro, para o cotidiano.

Os efeitos de uma sobriedade feliz podem ser mensurados da seguinte maneira: “Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas”.⁴⁶

43 LS 223.

44 João Décio PASSOS, *op. cit.*, p. 108.

45 Paulo SUESS, *op. cit.*, p. 11.

46 LS 223.

A temática de uma sobriedade feliz é resultado de uma profunda conversão ecológica, que promove mudanças internas ao ponto de serem vistas nas atitudes do cotidiano.

A sobriedade foi um feliz termo, encontrado pelo pontífice, para chamar a atenção dos cristãos para uma adesão a uma vida mais simples e que com esta decisão tem suas implicações no ambiente que os cerca. É uma verdadeira revolução interior.

3.3 A relação entre a Igreja Católica e o “Cuidado da Casa Comum”

Após todo este aprofundamento, é possível perceber que ambas as temáticas se entrelaçam e encontram em Cristo seu ponto maior de unidade.

Jesus ensinou-nos esta atitude, quando nos convidava a olhar os lírios do campo e as aves do céu, ou quando, na presença dum homem inquieto, “fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele” (Mc 10, 21). De certeza que Ele estava plenamente presente diante de cada ser humano e de cada criatura, mostrando-nos assim um caminho para superar a ansiedade doentia que nos torna superficiais, agressivos e consumistas desenfreados.⁴⁷

A partir dos gestos de Cristo, que se orientam não somente para uma ecologia ambiental ou humana, mas para uma ecologia integral, percebe-se sua

⁴⁷ LS 226.

dedicação em zelar por cada ser humano e cada criatura que fosse colocada em sua presença. Por isso, não se pode negar a estreita aproximação entre os temas da fé cristã e o compromisso com o meio ambiente.

Ao trazer a temática ecológica para as discussões da fé, compreende-se que tal temática seja algo de fronteira, mas que ainda assim não perde sua importância e relevância. Cada vez mais, nota-se que os temas ligados a uma ecologia integral acabam por passar por outros temas teológicos, como a relação apresentada acima sobre a temática salvífica que compete a todo ser humano.

Era desejo do próprio Papa que atividades fossem desenvolvidas em conjunto e que surgissem iniciativas coletivas em favor desta causa: “o urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar”.⁴⁸

A *Laudato Si'* conclama a todos a uma contemplação diária no cuidado e na relação próxima com o criador, um verdadeiro chamado para um despertar no ser humano suas percepções em reconhecer a mensagem de beleza presente na natureza.

Há um chamado para exercer uma beneficência em favor da ecologia integral, a partir de uma ótica cristã; ao longo deste trabalho, os ensinamentos bíblicos e a contribuição do magistério buscaram favorecer tal adesão. No entanto, tudo isso passa pela

48 LS 13.

conversão, pelo dia a dia de quem decide trazer para dentro de si esta motivação interior. “Uma ecologia integral exige que se dedique algum tempo para recuperar a harmonia serena com a criação, refletir sobre o nosso estilo de vida e os nossos ideais, contemplar o Criador, que vive entre nós e naquilo que nos rodeia e cuja presença ‘não precisa de ser criada, mas descoberta, desvendada’”.⁴⁹

Há uma responsabilidade intrínseca em cada cristão que se julga ser um homem de boa vontade. O cuidado para com a Casa comum coloca os cristãos em marcha de renovação e transformação do lugar onde vivem e que, por atitudes solidárias, conseguem incorporar no dia a dia os valores do Reino de Deus, que, já aqui, são evidenciados e desfrutados pela humanidade.

Cabe à Igreja se enveredar, ainda mais, pelos cuidados de uma ecologia integral. Mais do que um capricho a ser inventado, o cuidado do planeta de toda vida é uma exigência e uma responsabilidade, que precisam ser assumidas por aqueles que seguem o caminho do Jesus ressuscitado, o jardineiro de Deus, que renova todas as coisas.

Considerações Finais

Após ter percorrido um caminho de integração entre a temática ecológica e as contribuições dadas pelo magistério Católico, conclui-se que, de fato, há uma estreita e necessária relação entre a Igreja

⁴⁹ LS 225.

Católica e o cuidado com a Casa comum, como fora proposto no início deste trabalho e que agora se finda, esperando ter oferecido ao leitor as contribuições necessárias para uma maior aproximação entre fé e razão, teologia e ecologia, cuidado e responsabilidade, endossados, ao longo desta monografia, pela encíclica *Laudato Si'*.

De fato, há uma intrínseca relação entre a Igreja Católica e o Cuidado com a Casa comum; mediante isto, é possível compartilhar três pontos que endossam esta resposta. Estes pontos são de matriz teológica, antropológica e ecológica.

Por argumentação teológica, compreende-se o desenvolvimento, a partir de uma Teologia Bíblica da Criação; recorre-se às fontes da Sagrada Escritura, que orientam para uma valorização da criação. Há uma ênfase no relato genesíaco e busca-se encontrar, em todo o livro bíblico, passagens que salientam e colocam em destaque um cuidado e zelo pela criação, que é reconhecida como dom de Deus, que foi entregue para o homem, que deve se colocar neste mundo como um jardineiro zeloso da criação.

Um segundo ponto argumentativo refere-se a uma questão antropológica: o ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, se estabelece neste mundo e tem a sua trajetória histórica reconhecida como parte desta criação. Os não cuidados com a natureza refletem e prejudicam diretamente a vida do indivíduo; desta maneira, adotar uma ecologia integral é uma forma de cuidado também com o homem que é um morador desta casa.

E, por fim, há o terceiro ponto, que versa sobre os argumentos ecológicos. Neste aspecto, leva em conta os dados e informações, de cunho proveniente das áreas ecológicas, que apontam e mostram tal necessidade de cuidado para com o meio ambiente.

Após conferir tais argumentações, é possível concluir que há uma sadia e necessária relação entre o magistério católico e o envolvimento com as temáticas ecológicas; tal envolvimento é necessário e tem respaldo para tal realização. Desta maneira, o compromisso cristão passa pelo trabalho social, que se caracteriza pelo cuidado com a criação; longe de ser um afastamento das raízes cristãs, o envolvimento em prol de uma ecologia integral está na base do compromisso evangélico, que assume o mandato do seu fundador, que veio para que todos tivessem Vida em plenitude (cf. Jo 10,10).

Referências Bibliográficas

BRIGHENTI, Agenor. *A Laudato Si no pensamento social da Igreja: Da ecologia ambiental à ecologia integral*. São Paulo: Paulinas, 2018.

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes, 1993.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 1967.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato si: Sobre o*

cuidado com a casa comum. 1º ed. Brasília: CNBB, 2015.

GARCÍA RUBIO, Alfonso. *Unidade na pluralidade*. 3º ed. São Paulo: Paulus, 2001.

JERUSALÉM, Bíblia. São Paulo: Paulus, 2019.

PAULO VI. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. Sobre a Revelação Divina. São Paulo: Paulinas, 1966.

PASSOS, João Décio. *A Igreja em saída e a Casa Comum*. Francisco e os desafios da renovação. São Paulo: Paulinas, 2016.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *O que é o homem? Um itinerário de antropologia bíblica*. Brasília: CNBB, 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compendio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005.